



FESTA E PODER POLÍTICO

■ JOSÉ LACERDA ALVES FELIPE¹

RESUMO

ESTE ESTUDO ANALISA AS RELAÇÕES ENTRE FESTA E PODER POLÍTICO NO CONTEXTO DA CIDADE POTIGUAR DE MOSSORÓ. O AUTOR ENFATIZA PARTICULARMENTE O PAPEL POLÍTICO DE UMA FAMÍLIA, OS ROSADOS, QUE CONSTITUEM O FOCO DO PODER POLÍTICO DA CIDADE. AS FESTAS SÃO ORGANIZADAS PELA FAMÍLIA E TEM IMPLICAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS.

PALAVRAS-CHAVE: FESTA, MOSSORÓ, ESPAÇO URBANO, PODER POLÍTICO, ROSADO.

As reflexões contidas neste trabalho interrogam uma sociedade, um lugar e o seu poder local que, através do patrocínio da FESTA, criam uma imagem de que são diferentes.

As festas que passaremos a relatar nascem como uma movimentação cívica e seus organizadores são constituídos por um grupo familiar que domina politicamente uma cidade do Rio Grande do Norte, no caso a cidade de Mossoró, há 58 anos.

A cidade, enquanto estrutura social, requer princípios organizadores para assegurar permanências. O mito e a história são basilares para expressar a existência de um grupo social, o que se confirma também pela delimitação do seu território – um lugar de destino –, envolvendo um espaço que é mais do que uma inscrição pelo acúmulo de temporalidades. História escrita pelos que já morreram e que legaram aos vivos os mitos e os heróis, para justificarem uma responsabilidade comum a todos, real ou simbólica, sobre a permanência do território como uma forma da sociedade atual re-

conhecer-se a si mesma e fazer perdurar as suas heranças, as suas crenças e as suas tradições. (Mafesoli, 1987).

Essas especificidades são percebidas pela família Rosado, que se coloca como (re)organizadora do território, através do discurso que domina o imaginário coletivo. Uma razão domesticadora das paixões, na qual, por meio dos rituais e das festas cívicas, o grupo se “[...] propõe instalar no coração da vida coletiva, um imaginário especificamente político.” (Backzo, 1985, p.301).

As “armas” da família Rosado se definem com o uso da palavra, quer seja através da escrita nos livros da Coleção Mossoroense ou nos jornais de sua propriedade, quer seja pelo discurso nas solenidades cívicas, nos palanques eleitorais e nas emissoras de rádio que estão sob domínio desse grupo político.

A festa “[...] necessita de palavras [...],” como anotou Ozouf (1976, p. 219). Para a construção desse imaginário coletivo, o “[...] texto escrito e a

palavra são obstinadamente encarregados de reaver tudo.” (Ozouf, 1976, p. 219). Assim sendo, para dominar esse território político, os Rosados elaboram um discurso de uma dedicação total a Mossoró, resgatam o passado, montam uma narrativa e transportam através desta as razões da história do século XIX, que apontavam para a civilização, para o progresso e para o ideário da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade).

Para tanto, elegem os heróis, os mortos e os fatos que devem ser rememorados, realçando aqueles em que lembrados apenas acontecimentos potencialmente capazes de gerar “[...] devoção e encantamento porque foram positivos para as instituições e para a sociedade como uma totalidade viva e sensível.” (Da Mata, 1985, p. 32).

Como patrocinadores do resgate dessa memória, o qual ocorre através das festas cívicas que são exaustivamente repetidas ano-a-ano, os Rosados projetam para o tempo presente os personagens dessa história – agora transformados em mitos – fazendo-os seus contemporâneos, apropriando-se do discurso e das imagens para firmarem a idéia de que são detentores dos valores atribuídos aos heróis do passado.

Nessa liturgia de legitimar e enraizar essa história, os Rosados editam livros que vão ajudar a manter onipresentes os ícones, os mitos e os símbolos escolhidos, colocando-os a serviço do seu projeto político e, ao mesmo tempo, revitalizando sua presença na história. A memória participa da construção do presente, de forma subjetiva ou fazendo parte de uma programação de festas e datas, nas quais as comemorações traduzem e revelam como a mesma deve ser usada. Para tanto, são convocados os intelectuais e os historiadores das

festas, os quais vão esculpir, nessa história, uma memória (re)inventada, que sinaliza para o progresso desse lugar, conforme os propósitos de seus organizadores. A festa – através da qual o passado é solenemente celebrado – ilude o homem e a sua história, manipula o tempo através da repetição e apresenta a utopia de uma sociedade não-repressiva. Desse modo, como coloca Ozouf (1976, p. 217), “[...] a história da festa será a história de um fenômeno em grande parte cego para a história.”

Os Rosados se colocam como os guardiões da memória da cidade, bem como seus “animadores culturais.” Por meio das festas cívicas, solenidades e outros rituais, esse grupo político mantém o culto aos heróis do passado, revitaliza velhos mitos e, ainda, busca trazer seus concidadãos para a luta do tempo presente. Nesse horizonte, a exteriorização da memória encontra-se em estreita “[...] ligação com o poder na medida em que esse produz o tempo, produz referenciais temporais, ‘calendários oficiais,’ tempos que refletem pública e individualmente eventos necessários de recordar [...]” (Tedesco, 2004, p. 125-126).

O grupo político tem consciência de que “não existe festa sem reminiscência; repetição do passado, frequentemente anual, a festa traz consigo uma memória que é tentadora considerar como tal.” (Ozouf, 1976, p. 217). Ao colocar em cena essa memória, os fatos lembrados “[...] podem se tornar exemplos, modelos sobre os quais se constrói o futuro; o passado torna-se princípio de ação para o presente.” (Tedesco, 2004, p. 125).

É por isso que os Rosados – que são conservadores – passam uma imagem de progressistas e, nessa dialógica de acomodação dos contrários, criam um culto à liberdade, enquanto a prática

política passa por um *modus operandi* de dominação de pessoas e de instituições. Essa prática política é justificada como o caminho para a realização dos sonhos dos antepassados, tarefa sagrada que requer condutores capazes e guardiões zelosos conscientes de seu papel no cenário político local. Portanto, os cidadãos elegem os Rosado para cumprir essa sagrada missão, enquanto a cidade permanece nesse imaginário como uma fortaleza inviolável que, pela ação das suas elites, vai estar sempre pronta para aniquilar as ameaças que vêm do seu exterior.

O espaço concebido é mágico pela capacidade dessa recorrência ao passado e de trazer dele a imagem de um cotidiano sem conflito, um emolduramento da vida social, fixando valores e reconhecendo os sujeitos capazes de exercer o poder. A cidade, nessa concepção do grupo político familiar, é o santuário, o nicho e a casa, sustentados por rituais para mobilizar e firmar a sociedade e para renovar a cosmicização desse lugar.

A gestão sucessiva de membros do grupo familiar na Prefeitura de Mossoró e os empreendimentos que resultavam desse poder político, eram comemorados como a realização dos sonhos dos ancestrais, ou então como uma tarefa sagrada, ordens do passado, que os Rosado agora concretizavam movidos pela “consciência de uma continuidade cósmica quase natural que nos torna tributários dos que nos precederam” (Maffesoli, 1984, p. 54).

Nos discursos das inaugurações dessas obras, que apareciam como grandes desafios, como é o caso do abastecimento d’água da cidade, a referência era de vitória, pois uma batalha, uma guerra foi vencida e o político da família que esteve à frente do empreendimento era chamado de gene-

ral, o comandante que organizou a cruzada e venceu a Guerra Santa, o líder e o condutor com capacidade de convocar e comandar todos no cumprimento das realizações que foram sonhos dos antepassados.

Como atores políticos, os Rosado identificaram a função dos conteúdos simbólicos na disputa eleitoral e perceberam que a imagem a ser decodificada pelos seus eleitores deve ser a de pertencimento. Assim, os Rosado são parte desse lugar, não dominam Mossoró, estão ali a serviço, a fim de cumprir uma missão, uma ordem que vem do passado, mesmo que a cada eleição a verdadeira intenção do Grupo seja demonstrada pelos resultados das urnas, os quais são reveladores da demarcação de fronteiras eleitorais e dos territórios de domínio que o poder político proporciona.

A cidade real é uma geografia de uso político, uma geografia cuja apropriação se dá também pela nomenclatura que cartografa esse espaço social, marcando o nome dos Rosado na nomeação de ruas, praças, bairros, logradouros, conjuntos habitacionais, escolas, auditórios, hospitais e clínicas médicas, além de instituições e monumentos.

Essa marca que se apropria da cidade não se fez só, ela se apóia e divide a nomenclatura que se lê nessa geografia com fatos da história, uma memória que sustenta o imaginário social. Essa geografia impressa nas formas da cidade se completa com o nome dos heróis, os fundadores da cidade, os comerciantes de algodão e couros – a sua primeira elite, que nessa história recontada são os abolicionistas, os que se rebelaram contra a convocação dos filhos para lutarem na Guerra do Paraguai, os que resistiram ao ataque do bando de Lampião, ou ainda, os que deram ao país o seu primeiro voto feminino.

Para a elite da cidade “relembrar a vida de certos personagens ou relembrar certos fatos históricos é importante não só para reconstruir uma identidade local na globalidade do mundo; é importante também para não deixar cair no esquecimento aquilo que foi ou ainda é importante para uma certa comunidade” (Fonseca, 2001, p. 215).

As festas cívicas que, no passado recente, se manifestavam nos desfiles militares e estudantis para comemorarem o 30 de setembro de 1883 (data em que a cidade liberta seus escravos, cinco anos antes da Lei Áurea), o Motim das Mulheres em 1875 (revolta das mulheres da cidade contra o alistamento dos maridos e filhos para a Guerra do Paraguai), a Resistência da cidade ao ataque do Bando de Lampião em 1927 e o primeiro voto feminino em 1927.

A consciência de que o imaginário e seu poder simbólico ainda têm força de provocar adesão e de que essa identificação com o passado distingue os Rosado e de que os desfiles cívicos nesses tempos de mídia televisiva não motivam a paixão (ingrediente essencial no polimento dos mitos), a prefeitura da cidade, sob o domínio desse grupo familiar, é incentivada a montar uma nova festa. O espetáculo teatral, com texto de autoria do jornalista e poeta popular Crispiniano Neto, é encenado por 2.200 artistas e dirigido por diretores de renome nacional – Amir Haddad, Fernando Bicudo, Antônio Abujamra, Gabriel Vilela e Marcelo Flecha – é montado nas ruas, num palco de 2.500 m², instalado no pátio da antiga Estação Ferroviária. Uma festa grandiosa que, no ano de 2002, entrou para *Guinness Book* como o maior espetáculo teatral de rua do mundo.

O Auto da Liberdade, assim denominado, ocu-

pa a maior via da cidade – a Avenida Alberto Maranhão – chegou a ter uma arena grega para 5.000 mil pessoas, em 2003, e ganhou versão estilizada no ano seguinte nas mãos do teatrólogo Fernando Bicudo. O espetáculo “[...] se divide em 5 atos; Prelúdio, Abolição da escravatura, Motim das mulheres, Primeiro voto feminino da América Latina e Resistência ao bando de Lampião.” [Para os promotores da festa] [...] a grandeza do Auto da Liberdade redimensiona o espírito libertário da cidade, que desde o século 19 se expressa pelo sentimento maior que move a existência humana: a liberdade.” (*Auto da liberdade – Arte de contar história*, 2004, p. 23) (ver Foto 1).

O controle da festa por parte dos seus donos ou promotores induz ao pensamento de que a festa é uma condição daqueles que detêm o controle político e como todas “as instituições humanas, inventadas para serem servas, transformam-se em instrumentos nas mãos daqueles que procuram algo mais do que a vivência e buscam a convivência, isto é, a sobrevivência às custas dos outros” (Lopes Junior, 1999, p. 33).

Na organização da festa, os Rosado e seus aliados imitam conscientemente ou não os organizadores das festas comemorativas da Revolução Francesa, pois “[...] acentuam a sua ambição de abraçar a história,” nos termos de Ozouf (1976, p. 219) e esperam que a festa tenha o propósito pedagógico de ensinar sobre as idéias de liberdade e, de modo especial, sobre o sentido da resistência às ameaças externas ou mesmo internas que possam comprometer a permanência do lugar e o domínio das suas elites.

O que importa neste espetáculo teatral transformado em festa popular é a possibilidade de que seja

produzida uma emoção, fixada uma narrativa e avivada a imagem dos antepassados e dos seus feitos, “[...] que emitem ordens e exemplos para nortear a ação dos vivos.” (Felipe, 2001, p. 102). Visto como alertou

Ozouf (1976, p. 218), “[...] o tempo que as festas celebram é o tempo regenerável, aquele que a comoção [popular] tem a virtude de reatualizar num movimento novo,” sobrecarregado de intenções políticas.

FOTO 1 – A ENCENAÇÃO QUE LEVA O POVO PARA A FESTA, MOSTRA PIONEIRISMOS HISTÓRICOS DE MOSSORÓ: MOTIM DAS MULHERES (1875), REVOLTA FEMININA CONTRA O ALISTAMENTO DE MOSSOROENSES À GUERRA DO PARAGUAI; ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS (1883), CINCO ANOS ANTES DA LEI ÁREA; VOTO FEMININO (1927), INSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ELEITORA NA AMÉRICA DO SUL, PROFESSORA CELINA GUIMARÃES VIANA; E RESISTÊNCIA A LAMPIÃO (1927), VITÓRIA DA CIDADE SOBRE O BANDO DO “REI DO CANGAÇO”.



O Auto da Liberdade é uma repetição teatralizada do passado para firmar, numa sociedade específica, uma memória; sua vinculação com o tempo também sinaliza para uma continuidade, um presente que aponta para o futuro, mesmo que este apareça de forma simulada através do espetáculo que se transforma em festa.

Por isso, os Rosado tiveram o cuidado de renovar essa celebração do passado, de fugir da repetição que não suscita mais paixão. Vestiram a festa com a roupa

e as cores desse novo tempo para, desse modo, instituírem “[...] correspondências de um tempo remoto com o tempo presente.” (Ozouf, 1976, p. 219). Um espetáculo perfeito transformado em festa, um futuro com promessas de um tempo melhor e de muitas festas que propagam exemplos a serem seguidos, os quais podem não gerar um mundo melhor, mas certamente criam esperanças.

A mídia descreve a festa que se manifesta na forma teatral como um grande espetáculo de

Cores, luzes, brilho. Música, dança, arte cênica. Poesia. Em verso e prosa. Dramaticidade. Ritmo. Sincronia. Dinamismo. Ação. Um espetáculo grandioso, que enaltece o espírito libertário do povo mossoroense. Uma ópera popular que envolve o público em inebriantes sentimentos de civismo. Um canto de amor e solidariedade à família e ao próximo. Um canto de louvor à igualdade de direitos e à justiça social. Inspirado no livro homônimo do poeta cordelista Crispiniano Neto, o *Auto da Liberdade* ganhou fama de ser o maior espetáculo teatral ao ar livre do mundo. Pelo palco de três níveis, instalado numa área de quase mil metros quadrados na Estação das Artes Eliseu Ventania, durante a última edição da peça, no mês passado, passaram duas mil pessoas entre atores, bailarinos, cantadores, palhaços, malabaristas e figurantes. Numa montagem que valoriza a participação da comunidade, foi inserido no contexto da dramaturgia um coral com 500 crianças da rede pública de ensino. A peça em quatro atos, com duração de uma hora e trinta minutos, descreve os maiores acontecimentos históricos da cidade: o motim das mulheres (revolta feminina, em 1875, contra o alistamento de seus maridos e filhos à Guerra do Paraguai), a abolição dos escravos (ocorrida em 1883, cinco anos antes de a Lei Áurea entrar em vigor), o voto feminino (com a inscrição em 1927 da primeira eleitora do Brasil e da América do Sul, professora Celina Guimarães Viana) e resistência a Lampião (também em 1927, quando o ataque do rei do cangaço foi rechaçado pela população). Dirigido por Marcelo Flecha, que sucedeu aos teatrólogos Amir Haddad

e Fernando Bicudo, o *Auto da Liberdade*, já na sétima edição, une artistas e povo no mesmo enredo, o de reviver sua história para preservar as tradições e a cultura da terra. Uma história que se transforma em épico, um épico que transborda lições de cidadania. Que eleva a autoestima da população e engrandece o movimento teatral norte-rio-grandense, nordestino, nacional. (Moura Neto, 2005, p. 16)

A festa leva o povo às ruas e aos palcos do espetáculo, o povo vê o teatro que se encena nas praças e o poder que do palanque se faz mostrar, como patrocinador da festa, e mais do que isso, se mostra também como íntimo daquela história contada pelos atores.

A festa ajuda a polir os mitos, embora a sua pedagogia não revele todos os seus sentidos e significados; nem tudo é decodificado como desejam os seus historiadores e organizadores. O objetivo da festa é reviver um tempo de atos heróicos e revolucionários, isto retira da celebração os fatos que não enobrecem, ou que comprometam os feitos heróicos, a ponto de validar a indagação “[...] seria uma maneira de afirmar a história ou de melhor fugir dela?” (Ozouf, 1976, p. 219).

O *Auto da Liberdade*, mesmo não sendo uma festa religiosa nas suas origens, se reveste de características que se aproxima dos cerimoniais religiosos, pois como relata Durkheim o objetivo maior é “colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência às vezes mesmo de delírio” (Durkheim, 1989, p. 547). Uma pretensão de um clímax, de uma paixão coletiva, onde os santos e os deuses, que são os heróis da Abolição, da luta contra o Bando de Lampião, do

Motim das Mulheres e do primeiro voto feminino da América Latina, montam nas praças e avenidas da cidade os seus altares sagrados.

Para Felipe (2001) a festa cívica ganha caráter religioso ou se funde no “cadinho do positivismo comtiano. Pois, o calendário mossoroense com suas festas cívicas, se assemelha ao ‘quadro sociolátrico’ do positivismo. Uma galeria de santos e heróis mossoroenses, com história, com datas comemorativas, , símbolos e rituais” (Felipe, 2001, p. 101), pois se a ação tinha de se basear no convencimento, impunha-se o uso dos símbolos para dar conteúdo a todos os rituais, nessa luta de conquista do coração e das mentes dos mossoroenses.

Um sentimento cultivado ao longo da história da cidade, cujas imagens emblematizam esse

território, uma geografia santificada pelos heróis e sua história de bravura, mas, também pelos santos que saem dos “andores” para sacralizar a cidade, através da nomenclatura dos seus bairros: Alto de São Manuel, Santa Delmira, Ilha de Santa Luzia, Bom Jesus, Santo Antonio, Alto de Nossa Senhora da Conceição, Dom Jaime Câmara, Dom Gentil Diniz Barreto, Nossa Senhora Aparecida e as praças do Coração de Jesus e Vigário Antônio Joaquim.

Um lugar que escreve suas “legendas” que, como lendas, requerem uma narrativa, que conte, através de tudo que está grafado, essa história. O Auto da Liberdade é o espetáculo onde os atores são os arautos a gritar para todos os nomes dos seus heróis e dos seus feitos (ver Foto 2).

FOTO 2 – A FESTA COMEÇA NA RUA, OCUPA PARTE DA AV. ALBERTO MARANHÃO E É VISTA POR 50 MIL PESSOAS.



A festa insere todos numa ação coletiva, uma solidariedade que atinge o povo que se emociona com a fala dos seus heróis através das vozes dos atores e do poder político promotor do

evento, que do palanque contempla os dois espetáculos; dos atores a interpretar os heróis de toda essa saga que a cidade é chamada a cultivar e do povo, que se reconhece através do dois

poderes ali presentes, o dos heróis do passado que o espetáculo teatral traz para a contemporaneidade e do poder local que pela continuidade do evento, passa a idéia de permanência daquela história contada no “Auto da Liberdade”.

Uma repetição de atos e gestos, que os Rosado estão dispostos a manter como suas heranças e que estão todos ali para repeti-los se este for o desafio para garantir o lugar e o reconhecimento dessa sociedade (ver Foto 3).

FOTO 3 – A APRESENTAÇÃO TEATRAL É PRECEDIDA DE UM CORTEJO CULTURAL – GRUPOS FOLCLÓRICOS, TEATRAIS, CARNAVALESCOS ENVOLVENDO CINCO MIL BRINCANTES E 500 ATORES.



Essa festa é para manter uma ordem social, um legado deixado pelos antepassados, portanto, precisa ser visto, admirado, para firmar crenças, manter acesas as lanternas e o poder político local, está ali para mostrar esse caminho e dizer a todos que esse é o seu papel social, que precisa ser mantido e conservado. Esta festa não impõe rupturas, nem a desconstrução da ordem social, ela impõe permanências e, nesta perspectiva, “a essência da festa passa a ser definida como uma luta pelo poder” (Corrêa, 2005, p. 148), para manter esse poder com o grupo familiar que percebeu esse fenô-

meno social e a sua força política capaz de gerar imagens que igualam os governantes de hoje com os antepassados, estão todos ali guardando esse território, defendendo-o dos inimigos externos, por isso eles são essenciais e o espetáculo e as suas falas são repetidas todos os anos para lembrar para esta sociedade específica, que esse é o papel que os Rosado foram chamados para exercer, pois eles têm as mesmas virtudes e grandezas dos heróis e estão aqui para fazer cumprir uma ordem: realizar os sonhos dos antepassados, essa é a missão sagrada que o grupo político foi chamado a cumprir.

No Auto da Liberdade, as imagens e o discurso presentes no espetáculo não fazem referências aos fatos negativos, a exemplo do suplício do cangaceiro Jararaca do bando de Lampião, que, depois de baleado no confronto com os defensores da cidade, teria sido enterrado vivo. O fato é notório e entrou no imaginário religioso da cidade, pois o seu túmulo virou local de depósito de ex-votos por promessas alcançadas. Por sua vez, as romarias para visitação têm seu auge no dia de finados. No imaginário popular, o cangaceiro supliciado virou santo, mas, mesmo assim, o seu suplício e sua história não aparecem no texto do espetáculo, nem nos discursos que falam da resistência da cidade à invasão do bando de Lampião.

Esse fato histórico, mesmo sendo interpretado pelo homem anônimo, que faz o cotidiano da cidade, como positivo pelas “graças alcançadas”, nas “promessas” no túmulo do cangaceiro Jararaca, não entra no discurso dos intelectuais já que contraria a construção identitária e conspira contra a instrumentalização política do mito, que, transformado em ideologia, ameniza os conflitos, ressalta a sensação de pertencimento a essa comunidade de iguais. O cangaceiro e o seu suplício, que o faz santo na crença do povo, poderia até fazer parte do espetáculo, mas comprometeria o “ato de festejar” e descredenciaria os patrocinadores da festa, que atribuem à mesma os valores políticos e ideológicos dos quais eles se dizem herdeiros.

A festa é produzida com música, gestos e imagens, uma alegoria com seus rituais e artifícios com o objetivo de criar “uma ambiente propício a uma participação coletiva programada” (Balandier, 1999, p. 27); alimenta e por vezes constrói, um conjunto de idéias, firma conceitos, que terminam

sendo assimilados pela população como elementos da sua identidade coletiva.

As festas, assim como a religião e as demais instituições humanas, apresentam um certo ciclo de vida. Elas nascem com a intenção de fazer reviver, na lembrança dos povos, suas vitórias e esperanças. Têm um certo período de vida útil, no qual presta-se à intenção original. Com o decorrer do tempo, corre o risco de tornar-se instrumento de dominação, ao criar falsas legitimações da ordem vigente. (Lopes Júnior, 1999, p. 37)

Em resumo, o Auto da Liberdade segue as trilhas das festas comemorativas de atos heróicos, no qual o convite para ver a história reajustada alimenta a paisagem simbólica, onde a cidade passa a existir como um “teatro de ação social” e, ainda, quando o grupo familiar aparece como seus principais atores, pois são os membros desse grupo que elegem os santos e os seus altares na história recontada de um lugar – a cidade de Mossoró.

O efeito do espetáculo é efêmero, imagens de consumo rápido, que passa a leitura de que para dar um pouco de perenidade para a narrativa que se torna o conteúdo da festa é necessário que haja outras edições, outras festas, outros espetáculos, “para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias” (Durkheim, 1989, p. 447), para reanimar mesmo que periodicamente este sentimento da sociedade, que através das lembranças dos feitos gloriosos dos antepassados, sente-se solidária e orgulhosa de pertencer a essa comunidade de iguais.

NOTAS

- ¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRN.

REFERÊNCIAS

- AUTO DA LIBERDADE – *Arte de contar história*. Revista Adoro Mossoró, Mossoró, v. 1, n. 1, p. 20-23, dez. 2004.
- BACKSO, B. *A imaginação social*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. (Enciclopédia Einaudi, v. 5).
- BALANDIER, Georges. *O Dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CORRÊA, Aurenice. de Mello. “Não acredito em Deuses que saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador de cultura. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FELIPE: José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosado e o “País de Mossoró.”* João Pessoa: Grafset, 2001.
- FONSECA, Ailton Siqueira de Souza. *Tempo, memória e cidade*. In: ROSADO, Carlos Alberto de Souza (Org.). *Os Rosado em Tese*. Coleção Mossoroense, Mossoró, set. 2001.
- LIÇÕES DE CIDADANIA. Suplemento do Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, ano 1, n. 11, out. 2005.
- LOPES JÚNIOR, Osvaldo Pimentel. *Festa e Religiosidade*. Revista *Vivência*, Natal, v. 13, n. 1, p. 31-38, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1987.
- _____. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- OZOUF, Mona. *A festa – sob a revolução francesa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UFP; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

ABSTRACT

THIS STUDY DISCUSSES THE RELATIONSHIPS BETWEEN FESTIVALS AND THE HEGEMONIC POWER OF A FAMILY, THE ROSADOS, IN THE CITY OF MOSSORÓ, RIO GRANDE DO NORTE. FESTIVALS HAVE SOCIAL, ECONOMIC AND POLITICAL MEANINGS, BEING CONTROLLED BY THE ROSADOS. SOCIO-SPATIAL IMPLICATIONS ARE ALSO DEPICTED IN THIS STUDY.

KEY WORDS: FESTIVAL, MOSSORÓ, URBAN SPACE, POLITICAL POWER, THE ROSADO FAMILY.